

Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Aula 21, Apocalipse 14-16 Grãos Primícias, Uvas Julgamento e os Julgamentos das Sete Taças

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 21, Apocalipse 14-16, Primícias dos Grãos, Julgamento das Uvas e os Julgamentos das Sete Taças.

Na verdade, estivemos olhando para os dois, uma série de imagens que o autor usa no capítulo 14 para descrever o julgamento final no que se refere ao povo de Deus que perseverou e resistiu em sua batalha contra a besta nos capítulos 12 e 13. .

E também o destino daqueles que cederam ou o destino daqueles que seguiram e se identificaram e prestaram adoração e lealdade à besta. Há dois textos que interpretei mal nas seções anteriores e para os quais gostaria de chamar sua atenção. Na linguagem, dissemos que os 144.000 são chamados de primícias, mas parece que a imagem das primícias se aplica a todo o povo de Deus, não a um grupo e à antecipação de mais por vir, e sugeri no Antigo Testamento que encontramos que.

Os lugares que encontramos mais claramente são Jeremias 2, versículos 2 e 3. E Jeremias 2, versículos 2 e 3 é, a palavra do Senhor veio a mim, Jeremias, o profeta, vá e proclame aos ouvidos de Jerusalém, eu me lembro a devoção da tua juventude, como como uma noiva você me amou e me seguiu pelo deserto, embora através de uma terra não semeada, Israel era santo ao Senhor, as primícias da sua colheita. Então agora você encontra, eu acho, imagens usadas da mesma forma no capítulo 14. Os 144.000 são primícias devotadas ao Senhor, referindo-se à totalidade do povo de Deus no final da história, não a um grupo e à antecipação de um grupo adicional. .

O outro texto para chamar sua atenção é voltar nossa atenção para os capítulos 17 a 20 de Apocalipse 14. Nós dissemos isso; aqui, o autor usa a imagem de uma colheita de uvas para descrever e representar o julgamento da humanidade incrédula, daqueles que seguiram a besta em vez do cordeiro, e o autor usa a imagem de uma colheita de uvas como um símbolo do julgamento de Deus. O texto para o qual queria chamar a sua atenção, na verdade, não é Isaías 62, mas Isaías capítulo 63, no contexto do julgamento do fim dos tempos.

Em Isaías capítulo 63 e versículos 2 e 3. Voltarei ao versículo 1 e lerei parte do versículo 1. Quem é este vestido de esplendor, avançando na grandeza de sua força? Sou eu, falando em justiça, poderoso para salvar. Por que as vossas vestes são

vermelhas como as de quem pisa o lagar? Pisei sozinho no lagar. Das nações, ninguém estava comigo.

Eu os pisei na minha raiva e os esmaguei na minha ira. O sangue deles respingou em minhas roupas, e manchei todas as minhas roupas com o sangue. Então aqui você tem claramente, eu acho, o pano de fundo para esta linguagem da colheita da uva em 17 a 20.

Isto é, Deus é descrito pisando o lagar de sua ira. Ou seja, as nações são vistas no lagar e o que resulta é o sangue que delas provém. Curiosamente, este texto surgirá novamente no capítulo 19, onde o cavaleiro e o cavalo branco chegam com as vestes manchadas de sangue.

Manchado com o sangue do lagar, presumo. Portanto, isso é uma espécie de antecipação do que será divulgado com mais detalhes no capítulo 19. Portanto, o capítulo 63 de Isaías e textos como o capítulo 3 de Joel e outros lugares do Antigo Testamento fornecem o pano de fundo para esta imagem de um lagar e uma colheita de uvas e pisoteio. o lagar como imagem ou símbolo do julgamento de Deus sobre a humanidade.

Mas, como dissemos, o que flui do lagar em Isaías 63, assim como aqui em Apocalipse 14, não é o vinho das uvas, mas em vez disso, o que flui dele é o sangue dos inimigos de Deus. E é descrito de forma muito interessante como o sangue atingindo ou subindo tão alto quanto as rédeas do cavalo, lembrando, creio eu, imagens militares. Os cavalos não são apenas cavalos que andam por aí saltitando no pasto, mas esta é a imagem de uma cavalaria, cavalos que saíram para a batalha.

Então agora o sangue flui tão alto quanto as rédeas dos cavalos e a distância de 1.600 estádios. Falaremos mais sobre estádios quando chegarmos a Apocalipse 21 e 22, mas basta saber que esta é uma distância bastante grande e bastante significativa. Então você meio que tem essa linguagem horrível de um banho de sangue completo como resultado do julgamento de Deus.

Agora, o que eu acho que está acontecendo é que, novamente, John está simplesmente recorrendo a linguagem e imagens comuns. Desta vez, aparece especificamente no texto apocalíptico para descrever a natureza e o significado do julgamento de Deus. Portanto, provavelmente não deveríamos interpretar isso literalmente, como se em algum momento da história alguém pudesse sair e encontrar sangue subindo até as rédeas do cavalo em algum momento do julgamento futuro.

Na verdade, eu não poderia nem imaginar que um exército escolheria lutar, especialmente no século 21 ou além, usando cavalos de qualquer maneira. Portanto, João está simplesmente tomando emprestadas imagens comuns do Antigo

Testamento para retratar Deus pisoteando o lagar e o sangue dos inimigos fluindo. Mas agora ele adicionou imagens apocalípticas, imagens da literatura apocalíptica para aumentar ainda mais a impressão que isso causa no leitor sobre a severidade, a extensão e a grandiosidade do julgamento de Deus sobre aqueles que seguiram a besta.

Por exemplo, este texto é do primeiro Enoque. Lemos algumas vezes o primeiro Enoque, um importante apocalipse, e também o quarto Esdras. Quero ler mais duas passagens desses apocalipses.

Um deles é 1º Enoque, capítulo 100, que é uma imagem do julgamento final dos pecadores, o julgamento final dos ímpios. Começando com o versículo 1, Naqueles dias, o pai será espancado junto com seus filhos no mesmo lugar, e o irmão cairá junto com seus amigos na morte até que um riacho corra com seu sangue. Porque um homem não poderá retirar as mãos de seus filhos, nem dos filhos de seus filhos, para matá-los.

Deixe-me pular para o versículo 3, com esta imagem da morte em julgamento e derramamento de sangue. Agora, no versículo 3, o cavalo caminhará através do sangue dos pecadores até o peito, e a carruagem afundará até o topo. Claramente, os cavalos são cavalos de guerra.

Então observe a imagem em 1º Enoque do sangue subindo até o fim. Aqui, é só no peito dos cavalos. Mas se você olhar também para 4º Esdras, outro apocalipse importante que vimos, e um que João parece desenhar motivos que vêm de 4º Esdras, quer ele tenha lido 4º Esdras ou não, ele ainda parece desenhar motivos que pode ser encontrado nesse livro.

Capítulo 15 de 4º Esdras, novamente no contexto do julgamento do fim dos tempos. Eis as nuvens, este é o 4º Esdras 15 versículos 30, vou ler 33 ao 36, 34 ao 36. Eis as nuvens do leste e do norte ao sul, e sua aparência é muito ameaçadora, cheia de ira e tempestades.

Portanto, a imagem do julgamento do fim dos tempos e de Deus derramando sua ira. Eles se precipitarão uns contra os outros e derramarão sobre a terra uma forte tempestade, e a sua própria tempestade, e haverá sangue da espada tão alto quanto a barriga do cavalo, e a coxa de um homem e as costas de um camelo. Então observe, embora a linguagem seja um pouco diferente e João represente o sangue subindo até as rédeas dos cavalos, você claramente tem essa noção no texto apocalíptico de que o julgamento final é tão severo e tão difundido que pode ser, e o derramamento de sangue é tão grande que pode ser descrito como sangue fluindo até a barriga ou o peito do cavalo, e então João o leva até as rédeas do cavalo.

Então, o que João está fazendo, eu acho, é simplesmente basear-se em um tema apocalíptico comum de textos apocalípticos como 1º Enoque e 4º Esdras e outros, não para retratar uma cena literal que, como se estivesse presente neste momento da história, você Na verdade, veríamos sangue fluindo pelas barrigas ou pelas rédeas dos cavalos, mas usando imagens, banco de imagens de textos apocalípticos para tentar brincar com as emoções e a resposta dos leitores para fazê-los ver o horror e o horror e a extensão e severidade do julgamento de Deus no fim dos tempos. Assim, as imagens dizem algo tanto de Isaías 63, a linguagem de pisar no lagar, quanto da linguagem dos textos apocalípticos que João reuniu para retratar o julgamento do fim dos tempos. Essas imagens funcionam para explorar o significado, a extensão e a natureza do julgamento de Deus, não necessariamente literalmente como ele ocorrerá.

Assim, nos capítulos 14 a 20, sugeri a você que vemos duas cenas do julgamento do fim dos tempos. Um deles é positivo; isto é, a cena da colheita do grão é uma cena positiva da colheita da colheita do povo de Deus como as primícias, provavelmente referindo-se ao capítulo 14, versículo 4, e agora aos capítulos 17 a 20, usando a colheita das uvas como uma imagem negativa do julgamento dos ímpios ou do julgamento do mal. E assim os versículos 14 a 16 correspondem ao capítulo 14, 1 a 5, e que a colheita de grãos, isto é, corresponde a 14, 1 a 5, os 144.000 que estão vitoriosos em Sião com o cordeiro, vitoriosos em sua batalha contra o pecado e o mal e Satanás e a besta, e agora apresentados como uma colheita de primícias para Deus.

Agora, essa colheita é descrita nos versículos 14 a 16. E então as três mensagens dos anjos, especialmente os anjos 2 e 3, proclamando a mensagem de julgamento agora para aqueles que seguem a besta, para aqueles que tinham a marca da besta, adorou sua imagem, indicando lealdade e adoração e identificando-se com a besta, este império idólatra e ímpio. Agora, a situação de julgamento deles é descrita nos versículos 17 a 20 na forma de uma colheita de uvas.

Então, em suma, o capítulo 14, em vez de ser apenas uma série indiscriminada e desconexa de imagens, o capítulo 14 usa imagens diferentes, como 144 vitoriosos no Monte Sião, as primícias, a queda da Babilônia, a linguagem do julgamento na forma do cálice da ira de Deus sendo derramado e a fumaça subindo para todo o sempre, a fumaça e o enxofre se estabelecendo para todo o sempre, as cenas da colheita, a colheita do trigo ou dos grãos, a colheita das uvas. João usa imagens diferentes para explorar o destino daqueles nos capítulos 12 e 13. Aqueles nos capítulos 12 e 13 que se recusaram a transigir, que resistiram até ao ponto do sofrimento e da morte, aqueles que responderam à batalha que Satanás trava contra o Santos, aqueles que se recusaram a transigir, que em vez disso suportaram e mantiveram o seu testemunho fiel, agora são descritos com as imagens dos 144.000 habitantes do Monte Sião e também da colheita de cereais e dos primeiros frutos.

Mas aqueles nos capítulos 12 e 13 que se comprometeram na igreja e no mundo, não devemos ler isso exclusivamente como imagens positivas para a igreja e negativas para o mundo. Não, as imagens negativas são também para aqueles na igreja que se comprometem e se recusam a manter o seu testemunho fiel. Para aqueles, as imagens da ira de Deus derramadas em julgamento, a destruição da Babilônia, a ira de Deus derramada em termos de um copo de vinho sem mistura, a fumaça e o enxofre subindo para sempre, a pisada no lagar da ira de Deus, tudo dessas imagens agora retratam e retratam o destino daqueles que se comprometem com a besta nos capítulos 12 e 13.

Então agora, o capítulo 14 leva a uma visão final de julgamento, ou, sinto muito, uma visão final de julgamento e salvação, e isso está nos capítulos 15 e 16. O capítulo 15 nos apresenta o que será desvendado com mais detalhes no capítulo 16, e essas são as sete últimas pragas, e veremos como essas imagens se conectam. Mas as sete últimas pragas serão os sete últimos julgamentos de Deus, mas no meio disso, no capítulo 15, versículos 1 a 4, encontramos outra visão da salvação do fim dos tempos.

Então vamos encontrar outra alternância misturada de uma visão de salvação seguida por uma visão de julgamento e falaremos um pouco sobre a conexão disso. Mas o capítulo 15, o capítulo 15 parece ter uma função dupla quando pensamos nos capítulos 15 e 16. Em primeiro lugar, o capítulo 15 funciona para apresentar as sete, a sequência das taças, a sequência das sete taças da ira de Deus que são derramadas no capítulo 16.

Assim, por um lado, o capítulo 15 funciona como uma introdução ao capítulo 16. No entanto, também retrata o povo de Deus louvando o Cordeiro por causa da vitória que ele lhes deu nos capítulos 15 e 2 a 4. Assim, mais uma vez, nós encontrar esse tipo de interligação acontecendo. Observe como o versículo 15 começa: Vi no céu outro anjo, um grande e maravilhoso sinal, sete anjos com as sete últimas pragas.

Por último, porque com eles se completa a ira de Deus. Agora, você poderia pular para o versículo 5, e eu olho no céu para o templo e o Tabernáculo do testemunho, e do templo vieram os sete anjos com as sete últimas pragas. Assim, no versículo 1 ele vê os sete anjos com as sete últimas pragas.

Agora, nos versículos 5 e seguintes, ele descreve os sete anjos saindo com as sete últimas pragas na forma de taças prestes a derramá-las na terra. Então você poderia remover os versículos 2 e 4, 2 a 4 e a narrativa fluiria muito bem. Mas aqui encontramos outro exemplo desse tipo de interligação que vimos em outras partes do Apocalipse.

O versículo 1 inicia a narrativa dos sete anjos com as sete últimas pragas, mas depois é interrompida por uma cena que parece, de certa forma, pertencer ao capítulo 14,

outra cena de salvação final, mas em imagens diferentes, onde mais uma vez encontramos a salvação de Deus. pessoas em pé e cantando o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro. Assim, o capítulo 15, em certo nível, parece se conectar ao capítulo 14, outra imagem da salvação, mas também se conecta e fornece uma introdução ao capítulo 16 que se segue. Então você tem essa característica interligada de que os sete anjos e suas pragas são introduzidos no versículo 1. É interrompido por uma cena do povo de Deus parado à beira do mar cantando o cântico de Moisés, cantando pelo Cordeiro, e grava esse cântico, e então a cena do versículo 1 é retomada com os anjos saindo do templo quase prontos para derramar suas taças, e então o capítulo 16 narra o derramamento de cada uma das sete taças.

Agora deixe-me ler o capítulo 15 para você, que é um capítulo muito curto. Vi no céu e notei a palavra que vi novamente, marcando outro segmento da visão. Eu vi no céu outro grande sinal maravilhoso, sete anjos com as últimas sete pragas porque com eles a ira de Deus está agora completada, e vi o que parecia ser um mar de vidro misturado com fogo e de pé ao lado do mar aqueles que haviam sido vitoriosos sobre a besta e sua imagem novamente conectando você ao capítulo 13 e ao capítulo 14.

Agora, acho que este é o mesmo grupo dos 144.000 que foram vitoriosos sobre a besta e sua imagem do capítulo 13 e capítulo 14 e sobre o número de seu nome no capítulo 13, versículo 18. Eles seguravam harpas que Deus lhes deu, e eles cantaram um cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico, e eles cantaram o cântico do Cordeiro, e aqui é grande e maravilhoso são os teus feitos, Senhor Deus Todo-Poderoso, justos e verdadeiros são os teus caminhos, reis de todos os tempos, rei de os séculos que não te temerão, ó Senhor, e não trarão glória ao teu nome, pois somente tu és santo, todas as nações virão e adorarão diante de ti, pois os teus atos justos foram revelados. Depois disso, olhei, e no céu e no templo que está no Tabernáculo do Testemunho, foi aberto, e do templo saíram sete anjos com as sete pragas.

Eles estavam vestidos de linho limpo e brilhante e usavam faixas douradas no peito. Então um dos quatro seres vivos deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre. E o templo estava cheio de fumaça da glória de Deus e do Seu poder, e ninguém podia entrar no templo até que as sete pragas dos sete anjos se completassem.

Agora, brevemente, no capítulo 15, o que acho que está acontecendo é isso. O autor está prestes a narrar as sete últimas pragas. Este é o terceiro ciclo de pragas, começando com os sete selos, depois com as sete trombetas, e agora as sete taças estão prestes a ser derramadas.

Mas antes de fazer isso, o autor nos dá mais uma imagem, remetendo aos capítulos 14 e 13, uma imagem dos vitoriosos. Mas agora quero que você observe como a

imagem dessas pessoas é retratada em 2 a 4, e acho que esta é a chave para ver que não se trata apenas de uma inserção indiscriminada dos versículos 2 e 3 nisso. Em outras palavras, o capítulo 15 começa com as sete últimas pragas, mas você tem 2 e 4, esta imagem dos santos à beira-mar, cantando o cântico do Cordeiro.

Isto não é apenas uma espécie de interrupção. Em vez disso, acho que há um propósito, já que o autor está prestes a vincular ou narrar os últimos julgamentos finais de Deus antes e conduzindo ao derramamento final dos julgamentos de Deus no capítulo 17 e seguintes.

Agora, antes de começar a narrar o derramamento da ira de Deus em termos dos sete julgamentos finais na forma dos julgamentos da tigela, o autor, em uma imagem final, quer retratar o povo de Deus diante do mar, cantando o cântico de Moisés e o Cordeiro, ainda conectando com 13 ou 14, mas agora ele está olhando para isso de uma forma diferente. Ele está usando uma imagem diferente. O capítulo 15 descreve as mesmas cenas que vimos no capítulo 14.

Os 144 mil no Monte Sião, a colheita dos grãos das primícias. Agora vemos a mesma cena em imagens diferentes, mas o que João está fazendo? A chave para conectá-los é a linguagem do Êxodo. João quer retratar o julgamento final de Deus como um Êxodo.

Isto é, em termos das pragas do Êxodo, que ele discutirá no capítulo 16; mas antes de fazer isso, ele quer nos lembrar novamente que, em meio a tudo isso, o povo de Deus sairá vitorioso. Portanto, os versículos 2 e 4 não acontecem cronologicamente.

Ou seja, no capítulo 15, versículos 2 e 4, essa visão dos santos diante do mar de vidro, cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro, não acontece primeiro, e depois as taças são derramadas. Acho que provavelmente é o oposto. Mas o que João está fazendo é que, antes de narrar o derramamento das pragas finais do Êxodo, ele quer mostrar o resultado para os santos, da mesma forma que no Antigo Testamento, o povo de Deus foi ao Mar Vermelho, saiu vitorioso, e cantou o cântico de Moisés.

Isso é o que acontecerá depois que essas pragas forem derramadas. O povo de Deus, novamente, não será prejudicado por estas pragas e não sofrerá a ira de Deus. Mas em vez disso, na linguagem do Êxodo, como parte desta história do Êxodo nos capítulos 15 e 6, capítulos 15 e 16, o autor, logo no início, antes mesmo de narrar os julgamentos da praga do Êxodo na forma das sete taças no capítulo 16, ele quer retratar o povo de Deus que depois desse tempo, eles sairão vitoriosos e à beira-mar, tendo cruzado o Mar Vermelho, parados à beira-mar e cantando o cântico de Moisés.

Agora, é interessante que em 2-4, o autor se baseie em uma série de imagens que se referem, creio, lembram claramente o Êxodo, mas duas coisas são interessantes

sobre esse relato. O número um é que o mar é descrito como o mar de vidro. Aparentemente, era o mesmo mar de Apocalipse capítulo 4, o mar de vidro que estava diante do trono.

Curiosamente, porém, em alguma literatura judaica, o Mar Vermelho é descrito como um mar de vidro. Existem alguns textos judaicos fora do Antigo Testamento onde o Mar Vermelho foi descrito em alguma literatura rabínica como um mar de vidro. Além disso, já observamos que em um texto como Isaías 51 e versículo 9, o Mar Vermelho foi descrito como um mar de caos, o lar do monstro marinho, então o que você pode ter aqui é uma imagem do mar de caos, a morada do monstro marinho, aquele que ameaça o povo de Deus a partir do primeiro Êxodo.

Esse mar agora foi acalmado pela soberania de Deus. Agora, descobrimos que é um mar de vidro, Deus mostrando Sua soberania sobre o mar do caos e do mal, o Mar Vermelho do caos e do mal. Então agora, o povo de Deus é descrito como tendo surgido através disso.

Agora, eles são vitoriosos. O mar do caos e do mal provavelmente reflete os acontecimentos dos capítulos 12 e 13. A tentativa de Satanás de derramar a sua torrente de água sobre a mulher, a sua tentativa de matar a sua descendência, esse mar foi agora acalmado com a soberania de Deus.

Agora, eles passaram por esse período de tribulação e estão à beira-mar como os antigos israelitas fizeram, e cantam o cântico de Moisés. A outra coisa interessante sobre este salmo é que o autor é o cântico de Moisés que foi cantado em Êxodo, capítulo 15, depois que eles emergiram do Mar Vermelho. Há também outro cântico de Moisés no final de Deuteronômio.

Mas este cântico não se parece com aqueles, especialmente o cântico de Êxodo capítulo 15. O que João aparentemente fez foi ao ouvir este cântico e também gravá-lo, ele extraiu uma série de outros textos do Antigo Testamento de Isaías capítulo 60 e outros lugares. que todos celebrem a santidade de Deus e os seus poderosos atos justos em nome do seu povo ao julgar o mal, mas também ao proporcionar a sua salvação ao seu povo. Portanto, o cântico de Moisés aqui não se parece muito com o cântico de Êxodo 15 se você voltar e compará-lo.

E isso porque João, em certo sentido, ao chamá-lo também de cântico do Cordeiro, João está construindo um novo cântico. Ele ouve um novo cântico sendo cantado, e por isso traz outros textos do Antigo Testamento que celebram a vitória de Deus ao proporcionar a salvação ao seu povo e ao julgar, também ao julgar os reis da terra e exibir a sua glória e o seu nome. Então, o que isso também faz é indicar a razão do julgamento de Deus.

O julgamento de Deus é vindicar não apenas o seu povo, mas também o seu nome e o seu caráter santo. Curiosamente, esta música também antecipa o que será desenvolvido com mais detalhes no capítulo 21. Então, estamos vendo instantâneos do final que levarão a uma divulgação mais completa no capítulo 21.

Quando este hino terminar, e as nações vierem e adorarem diante de você, pois seus atos justos foram revelados, veremos que as nações virão à nova Jerusalém para adorar no capítulo 21. Então, isso é uma espécie de anseio pela revelação mais completa no capítulo 21. Portanto, esta cena estabelece o cenário para o desenvolvimento posterior da sequência da peste, à qual o autor retorna no versículo 5. E aqui agora, em vez de selos ou trombetas, vimos que trombetas poderiam ser usadas como uma antecipação do julgamento no Antigo Testamento chamada de julgamento.

As bulas aqui indicam principalmente, em certo nível, o serviço sacerdotal. Os touros são outra característica do Tabernáculo ou linguagem do templo. E deixe-me voltar.

O que é interessante é que o versículo 5 começa. Depois disso, olhei para o templo no céu, isto é, o Tabernáculo do Testemunho. Isso é intrigante porque o Tabernáculo do testemunho foi usado em Êxodo, especialmente em Êxodo, mas de Êxodo até Deuteronômio, para se referir ao Tabernáculo que foi erguido no deserto. Assim, creio que esta referência ao templo como o Tabernáculo do testemunho é a forma que o autor encontrou de continuar o tema do Êxodo, identificando o templo como o Tabernáculo do testemunho, a tenda do testemunho que acompanhou Israel no deserto.

Agora, as pragas que estão prestes a ser derramadas em correspondência com as pragas do Êxodo são identificadas como touros. No capítulo 51 de Isaías, acho que encontramos a linguagem dos touros em termos do cálice da ira de Deus. Então, se isso faz parte do pano de fundo, os touros sendo associados ao cálice da ira de Deus, derramar os touros como instrumentos da ira de Deus seria um instrumento adequado para derramar a ira de Deus sobre a terra.

Agora, isso está associado a dois outros termos interessantes. Um deles é a fumaça enchendo o templo, e o outro é o fato de que ninguém pode entrar até que os julgamentos sejam concluídos. Provavelmente, a linguagem da fumaça que enche o templo lembra não apenas a linguagem do Êxodo, mas também o capítulo 6 de Isaías, versículos 1 e versículo 4.

Isaías 6 é uma cena importante, uma visão da sala do trono que influenciou a representação da sala do trono feita por João no capítulo 4 de Apocalipse. Mas agora, no capítulo 6 de Isaías, lemos: No ano em que o rei Uzias morreu, vi o Senhor sentado no trono, alto e exaltado, e a cauda de seu manto enchia o templo. Agora pule para o versículo 4. Ao som de suas vozes, o som das criaturas aladas nos

versículos 2 e 3, ao som de suas vozes, os umbrais e soleiras tremeram e o templo se encheu de fumaça. Muito provavelmente, e especialmente em vista de Êxodo 40, onde isto parece indicar a presença de Deus enchendo o Tabernáculo, a imagem aqui é da presença gloriosa e do poder de Deus enchendo o templo celestial agora para emitir julgamentos sobre a terra.

E por que ninguém pode entrar? Provavelmente apenas uma descrição do fato de que o julgamento é assim, a presença de Deus é tão abrangente, tão impressionante e terrível ao derramar julgamento que ninguém poderia resistir, ninguém poderia entrar até que esse ato de julgamento ocorresse. Então agora o povo de Deus é visto como tendo, antes das pragas serem derramadas, nas imagens do Êxodo, uma espécie de salto em frente após o tempo das pragas, o povo de Deus é primeiro descrito como tendo atravessado o mar, o mar acalmado pela ação de Deus. soberania, ficando à beira do mar, saindo vitorioso, cantando o cântico de Moisés, adorando a Deus e louvando a Deus por causa da salvação que ele proporcionou. Isso então nos prepara para a abertura do Tabernáculo em um evento semelhante ao do Êxodo, onde a fumaça agora o preenche, e estamos preparados para ser apresentados às sete pragas semelhantes ao Êxodo que se seguem no capítulo 16.

E o capítulo 16 agora vai narrar essas sete pragas e todas elas, ainda mais que os capítulos 8 e 9. Lá nos capítulos 8 e 9, vimos que a maioria das pragas foram modeladas a partir do Êxodo; agora, ainda mais claramente, todas as sete pragas narradas são modeladas a partir de uma ou mais das dez pragas do Êxodo do evento original do Êxodo. Mais uma vez, deveríamos ler o número sete não como uma série de sete pragas exatas que ocorrerão nesta ordem, mas sete indicando perfeição, indicando conclusão, e o ponto principal disso é que as pragas do Êxodo se referem ou as pragas aqui são pretendia recordar o Êxodo. Então, mais uma vez, vemos que João está usando uma linguagem que não tem tanto o objetivo de nos ajudar a identificar a natureza precisa das pragas e sua aparência, mas mais para nos ajudar a explorar o significado, o significado e a certeza do julgamento de Deus.

É como se João estivesse dizendo da mesma forma que Deus julgou pessoas más, idólatras e opressoras. Certamente, ele julgará mais uma vez outro e qualquer outro povo idólatra e opressor que se oponha a ele e se coloque acima de Deus. A outra coisa a lembrar é que acho que estamos agora numa perspectiva ainda mais próxima do Dia do Senhor. Lembre-se de que eu disse que aparece o que está acontecendo, cada uma das sequências, pragas, trombetas e touros, cada uma delas termina com o Dia do Senhor ou trazendo você até ele apenas para voltar e narrar mais material.

Mas o que eu acho que está acontecendo quando você compara os selos, as trombetas e os touros, embora pareça haver alguma sobreposição, especialmente entre as trombetas e os touros em referência à praga do Êxodo, embora haja alguma sobreposição ao mesmo tempo, parece haver uma progressão, especialmente de intensidade. As pragas tornaram-se mais severas e intensas. Eles afetaram um quarto

da terra nos selos, e as trombetas afetaram um terço, e agora, com os touros, não há limite. Eles abrangem tudo e afetam todas as pessoas e toda a Terra.

Então presumo que com as trombetas, ou, desculpe, com os touros, você está agora numa perspectiva mais próxima. Você está agora olhando para os julgamentos que levarão imediatamente ao Dia final do Senhor e ao julgamento final. Na verdade, o autor diz que estes são os últimos julgamentos.

Estes são os julgamentos finais de Deus antes de desencadear seu julgamento do fim dos tempos, que novamente é narrado do capítulo 17 ao capítulo 20 de Apocalipse. Então aqui chegamos ao fim. Deixe-me ler o capítulo 16.

Então ouvi uma voz alta vinda do templo dizendo: Quero que você observe a conexão com as pragas do Êxodo do livro do Êxodo. Então ouvi uma voz alta vinda do templo dizendo aos sete anjos: vão derramar as sete taças da ira de Deus sobre a terra. Então o primeiro anjo foi e derramou a sua taça sobre a terra, e surgiram feridas feias e dolorosas nas pessoas que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem.

O segundo anjo derramou a sua taça no mar, e esta se transformou em sangue como o de um morto, e todos os seres vivos do mar morreram. O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e eles se transformaram em sangue. Então eu ouvi o anjo encarregado da água dizer, você está justo nesses julgamentos, oh Senhor, você que é e que era o santo porque você julgou assim porque eles derramaram o sangue de seus santos e profetas, e você dei-lhes sangue para beber como merecem.

Então ouvi o altar responder: sim, Senhor Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus julgamentos. Então, o quarto anjo derramou sua taça no sol, e o sol recebeu o poder de queimar as pessoas com fogo. Eles foram queimados pelo calor intenso e amaldiçoaram o nome de Deus, que tinha controle sobre essas pragas, mas se recusaram a se arrepender e a dar glória a Deus.

Assim como o Faraó recusou-se a arrepender-se no Êxodo original. O quinto anjo derramou sua taça sobre o trono da besta, e seu reino mergulhou nas trevas. Os homens roíam a língua em agonia e amaldiçoavam o Deus do céu por causa das suas dores e feridas, mas recusavam-se a arrepender-se do que tinham feito.

Então o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e a sua água secou para preparar o caminho para os reis do Oriente. Então vi os espíritos malignos que pareciam sapos. Eles saíram, três espíritos malignos que parecem sapos.

Eles saíram da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta. Realmente uma imagem muito estranha. Havia apenas três sapos, mas de alguma forma eles saíram das três bocas ao mesmo tempo.

Uma indicação clara da natureza simbólica disso. São espíritos de demônios, realizando sinais milagrosos para que saiam até os reis do mundo inteiro para reuni-los para a batalha no grande dia do Deus Todo-Poderoso. Eis que venho como um ladrão.

Bem-aventurado aquele que fica acordado e guarda consigo as suas roupas para não andar nu e ser vergonhosamente exposto. Então reuniram os reis no lugar que em hebraico se chama Armagedom. O sétimo anjo então derramou sua taça no ar, e do templo veio uma voz do trono dizendo: está consumado, está feito.

Depois vieram relâmpagos, estrondos, estrondos de trovões e um forte terremoto. Nenhum terremoto como este ocorreu desde que o homem existe na Terra. Tão tremendo foi o terremoto.

A grande cidade dividiu-se em três partes e as cidades das nações ruíram. Deus lembrou-se da grande Babilônia e deu-lhe o cálice cheio do vinho da fúria da sua ira. Todas as ilhas fugiram e as montanhas não foram encontradas.

Do céu, enormes pedras de granizo de cerca de cem libras cada caíram sobre os homens, e eles amaldiçoaram a Deus e consideraram as pragas do inferno porque a praga era tão terrível. peguei algumas das conexões com o Êxodo. Uma coisa interessante a ser mencionada antes dessa nota é que não há interlúdio entre os selos seis e sete.

Novamente, este é o derramamento final do julgamento de Deus que levará imediatamente ao dia do Senhor e ao julgamento do fim dos tempos. Mas, por exemplo, o touro número um, o Touro das Feridas, lembra a Praga das Feridas no capítulo nove do Êxodo. Os touros dois e três lembram o Êxodo sete, transformando água em sangue.

Na bula número quatro, o sol queima as pessoas. Êxodo capítulo nove. Bula capítulo cinco, há trevas sobre o reino do Egito.

Êxodo, capítulo dez, é onde há trevas sobre o reino do Egito. Aqui o reino da besta está obscurecido. Observe que, diferentemente do capítulo oito, onde havia trevas parciais, todo o reino de Satanás está agora escurecido.

O touro número seis contém três sapos semelhantes à praga dos sapos no capítulo oito do Êxodo. O touro número sete, trovões, relâmpagos, granizo e terremotos

lembram Êxodo 9, versículo 23. Assim como o Faraó, o povo ainda se recusa a se arrepender no capítulo 16, versículo 11.

Claramente, o autor quer que nos lembremos das pragas do Êxodo. E, para repetir, não tenho certeza se consigo identificar exatamente como seriam essas pragas e exatamente o que João tem em mente. Mais uma vez, como eu disse, João pode estar mais interessado em explorarmos o significado teológico das pragas e o significado do julgamento de Deus, atraindo-nos de volta ao Êxodo.

No geral, porém, no geral, este capítulo pode, assim como os capítulos oito e nove, ser o julgamento de Deus sobre a idolatria, sobre o mal, sobre um império ímpio e ímpio. O sofrimento pode ser tanto espiritual quanto físico. Mas aqui está claramente; esta pode ser outra forma de demonstrar a completa futilidade de confiar nos recursos do mundo e a completa escuridão em que a humanidade é mergulhada quando cede e segue a adoração e a lealdade de um império pagão, ímpio e idólatra.

Mas a questão é que agora não há mais aviso. Este é o derramamento final do julgamento antes do julgamento final, o julgamento do fim dos tempos. Esta é a expressão final da ira de Deus nestes três selos, trombetas e taças que agora não haverá mais demora.

Agora o fim chegará muito rapidamente. Então, a sétima taça nos leva direto ao fim. A taça número sete é claramente o julgamento final e claramente nos leva ao fim.

Quero simplesmente me concentrar em alguns recursos exclusivos, em vez de examinar tudo isso em detalhes, todas as sete taças, porque mencionamos algumas delas em conexão com os capítulos oito e nove. Mas o que quero focar são algumas características interessantes, três ou quatro características interessantes e cinco características interessantes desta sequência de peste nas tigelas. O número um é intrigante; você encontra um hino situado e introduzido na terceira taça.

O terceiro anjo derrama sua taça, mas antes de chegar ao quarto você tem um hino. Vimos em Apocalipse que os hinos ao longo do livro muitas vezes funcionam para interpretar as cenas que João vê em sua visão. Agora, este hino inclui um hino cantado em resposta ao versículo cinco.

Acho que o que isso faz principalmente é afirmar a justiça de Deus. Afirma a justiça de Deus ao derramar essas pragas. Talvez não seja apenas esta, mas todas as pragas que ela pretende abranger ao demonstrar como até o altar ressoa e responde: sim, Senhor Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os seus julgamentos.

É interessante que o altar intervenha. Não sei se esta é talvez outra referência às duas ou três testemunhas necessárias para estabelecer um testemunho, mas não

apenas o anjo diz a verdade e são justos os seus julgamentos, mas agora uma segunda testemunha, o trono, intervém e diz: sim, Senhor, verdadeiros e justos são os teus julgamentos. Se isso é intencional ou não, baseado no tema de duas ou três testemunhas, o tema do Antigo Testamento, não tenho certeza.

Mas a função deste hino é chamar a atenção para a justiça do julgamento de Deus. Observe particularmente a conexão com a terceira praga da água se transformando em sangue. Agora, o versículo seis diz, porque eles derramaram o sangue dos santos, agora você lhes dá sangue para beber.

Portanto, este hino é modelado especificamente para vindicar a Deus e demonstrar a justiça e a retidão do julgamento, o julgamento de sangue que ele está derramando. E aqui novamente vemos o princípio de que a sentença se ajusta ao crime. O perverso império do mal, a besta, derramou o sangue dos santos.

Agora, em troca, Deus lhes dá sangue na forma desta tigela, desta praga de sangue na terra. Versículo 12, outra característica interessante é encontrada nos versículos 12 e seguintes no sexto anjo. O restante dos meus comentários se referirá à sexta e à sétima taças.

Mais uma vez o autor encontra ou menciona o rio Eufrates. Vimos uma referência a isso no início do capítulo nove, em conexão com as pragas dos gafanhotos ou as pragas do exército do fim dos tempos. Então, pode haver uma conexão.

John pode estar imaginando a mesma coisa aqui. Mas a menção do Eufrates que sugerimos lembra o tipo de fronteira norte da própria Roma de onde viriam os seus atacantes, como os partos. Mas também encontramos a ideia do Antigo Testamento de um exército vindo do norte, que este João está agora recorrendo a essa linguagem para recordar ou trazer à mente um exército invasor.

Portanto, não deveríamos aceitar João sugerindo que existe um rio Eufrates literal que irá literalmente secar. Na verdade, quem precisaria disso no exército moderno de hoje? Você não precisa secar um rio para atravessá-lo. Você voa sobre ele.

Mas João baseia-se em imagens de stock do contexto greco-romano e do Antigo Testamento para evocar a noção de um exército invasor. Então, quando ele diz que derrama sua taça no Eufrates, os leitores vão pensar: aí vem um exército invasor. E o que João vê, porém, o que João vê são os reis do Oriente.

Em outras palavras, as águas secaram para preparar o caminho para os reis do Oriente. E não creio que devamos tentar identificar especificamente quem são esses exércitos. Está simplesmente evocando a noção de um exército invasor.

Então, agora você tem os reis da terra que cruzam o Eufrates, mas também é apresentado a três espíritos malignos na forma de sapos. E a razão pela qual eles são identificados com sapos, pode haver uma série de razões, mas uma delas é evocar a praga de sapos do Êxodo. Mas agora você tem três sapos e o autor não poderia ser mais claro sobre o que esses sapos significam.

Ele os chama de seres demoníacos, mas diz que eles também saem da boca do dragão, a besta número um e a besta número dois, a quem ele chama de falso profeta. Então, não poderia estar mais claro que este é um cenário de ataque demoníaco. Mas, curiosamente, o que são esses três sapos: eles são capazes de enganar as nações e reuni-las para a batalha.

Agora, isso é interrompido pelo versículo 15, que veremos em um momento, e então a batalha é reiniciada no versículo 16. Agora, a questão é: qual é a relação entre esses reis da terra e as nações que são, ou os reis do mundo inteiro? Então, você tem os reis do oriente cruzando o Eufrates, depois os reis do mundo inteiro no final do versículo 14. Qual é a relação entre os dois? Alguns concebem-nos a lutar juntos, mas pergunto-me se, em vez disso, isto é simplesmente uma imagem do fim dos tempos, evocando a noção de todos os reis da terra, mas também evocando a noção das forças invasoras do Oriente.

O autor está construindo uma imagem de todo o mundo reunido para uma batalha no fim dos tempos, isto é, para lutar contra o próprio Deus e seu povo, como creio que veremos mais tarde. Portanto, o objetivo não é retratar alguma batalha entre os reis da terra e os reis do Oriente, mas recorrer a imagens para representar a colaboração dos reis da terra e dos reis do Oriente num ataque total do fim dos tempos. , uma batalha do fim dos tempos que o autor chama de batalha do Armagedom. Agora, antes de mencionar isso, deixe-me dizer algo sobre o termo Armagedom, mas também sobre esta batalha.

Em primeiro lugar, a dificuldade com o termo Armagedom é tentar identificar precisamente o que João tem em mente. Alguns tentaram, como sugere Grant Osborne no seu comentário, muitos comentários tentaram identificar isto dividindo-o em duas categorias possíveis de explicação. Alguns tentaram interpretar isso geograficamente, muitas vezes literalmente, como se sugerissem algum lugar, e o problema é que Armagedom vem de duas palavras, palavras hebraicas, Har para montanha e Megiddo, que se refere a um plano, uma extensão, ou um plano que você encontramos desempenhando um papel fundamental nas batalhas do Antigo Testamento, como em Juízes capítulo 5 e 1 Reis 18, 2 Reis 23, 2 Crônicas 35. Além disso, Zacarias capítulo 12 menciona esta batalha do fim dos tempos.

Você encontra Megido, o plano de Megido, como um lugar de guerra no Antigo Testamento. Assim, alguns tentaram descrever literalmente o Armagedom, o monte

de Megido. O problema é que não parece haver uma montanha bem ali, no plano de Megido.

Assim, os estudiosos têm lutado para descrever geograficamente onde isso poderia ocorrer. Então, essa é uma explicação geográfica. O segundo conjunto de explicações que Osborne destaca são interpretações etimológicas, como ver o Armagedom, na verdade o Monte da Assembleia, e não se referir a alguma localização geográfica em relação a Megido.

Eu me pergunto, porém, se o Armagedom, a montanha de Megido, é a construção do próprio João usando imagens de montanhas, mas também se inspirando em Megido do Antigo Testamento como um lugar de batalhas bem conhecidas. Seria um pouco como usarmos Waterloo ou Vietnam para nos referirmos a uma luta, uma batalha ou uma guerra. Você pode se referir ao Vietnã pessoal de alguém ou algo parecido.

Isso não se refere a uma batalha em um local literal, mas sim a uma batalha bem conhecida como símbolo ou imagem de outro conflito. Então, eu me pergunto se João não está usando Megido, um lugar de batalhas famosas no Antigo Testamento, e agora adicionando o termo montanha de Megido como um lugar, um símbolo para uma batalha do fim dos tempos. E agora todas as nações da terra reúnem-se no Armagedom, simbolicamente no monte de Megido, em preparação para uma batalha do fim dos tempos.

O problema aqui é que não há nenhuma batalha narrada. Não somos informados de que qualquer luta ocorre. Não somos informados do que aconteceu.

Na minha opinião, este texto nos prepara para a batalha do fim dos tempos que será narrada mais tarde no Apocalipse. E esse é Apocalipse capítulo 19 e o cavaleiro no cavalo branco. Depois, há também Apocalipse capítulo 20 bem no final.

Bem no final do capítulo 20, você encontra Satanás sendo libertado do abismo, enganando todas as nações da terra e se reunindo para a batalha. Eles cercam o acampamento dos santos, e o próprio Deus os destrói com o fogo que vem do céu. Assim, você encontra referências a diversas batalhas.

Você tem uma batalha do fim dos tempos aqui chamada batalha do Armagedom. Você tem uma batalha no capítulo 19 onde o filho do homem sai no cavalo branco para derrotar os inimigos. E então você tem outra batalha no final do capítulo 20 de Apocalipse, onde Satanás reúne os exércitos e eles saem e lutam contra os santos, mas são devorados.

Eu sugeriria a você que todas essas batalhas provavelmente se referem à mesma. Por outras palavras, não temos três batalhas separadas; em vez disso, temos exatamente

a mesma batalha. É interessante em todos os três, você tem a linguagem dos exércitos reunidos para a guerra em todos os três.

Além disso, no capítulo 20 e no capítulo 19, vamos recorrer às mesmas imagens de Ezequiel, capítulos 38 e 39, Agog e Magog. Mas presumo, e veremos isso com mais detalhes quando chegarmos às batalhas reais nos capítulos 19 e 20, que essas batalhas, todas as três batalhas, são maneiras diferentes de se referir à mesma. E assim, não temos aqui uma batalha narrada porque só vemos a preparação para ela.

A batalha final acontecerá no capítulo 19 e no capítulo 20, onde Jesus Cristo e Deus simplesmente vêm e derrotam seus inimigos. Agora, ao chegarmos lá, precisamos perguntar: o que está sendo retratado nessas batalhas? Como devemos pegar isso e entendê-los como uma batalha literal, uma batalha espiritual ou algo mais? Mas a última coisa que quero dizer então, no versículo 15, é notar outro tipo de interrupção na sequência da peste. Eis que venho como um ladrão.

Bem-aventurado aquele que fica acordado e guarda consigo as suas roupas para não andar nu e ser vergonhosamente exposto. O que penso que está acontecendo aqui é, mais uma vez, uma indicação de que o capítulo 16 não tem o propósito de tentar determinar uma sequência de eventos no fim dos tempos, ou traçar o fim dos tempos, ou simplesmente satisfazer a nossa curiosidade como para o que vai acontecer no final. No meio de tudo isso, João insere um apelo para que seus leitores respondam, seus leitores nos capítulos 2 e 3. E quero que vocês percebam que o que penso que está acontecendo é, pela gravidade da situação, em vista de Nesta batalha final que acontecerá na Terra, João está chamando seus leitores à vigilância, recorrendo aos capítulos 3 e 4. Observe a linguagem de: Eis que venho como um ladrão.

Portanto, antes que a batalha comece, João quer alertar seus leitores para que estejam preparados. Isto é, penso que o apelo aqui, mais uma vez, é ser fiel e recusar-se a fazer concessões. É assim que eles se preparam.

Mas observe a linguagem de vir como um ladrão. Isso vem diretamente dos capítulos 2 e 3, onde Cristo advertiu a igreja em Sardes que viria como um ladrão se eles não se arrependessem. Capítulo 3 e versículo 3, creio que foi.

Além disso, Sardes é instruído a ficar acordado e vigilante. E você se lembra da igreja que foi instruída a não andar nua, mas a vestir-se com verdadeiras roupas brancas? A igreja de Laodicéia. Portanto, esta linguagem, lembrando a linguagem dos capítulos 2 e 3, é simplesmente a maneira de João dizer, creio eu, devido ao significado e à gravidade da batalha, o julgamento de Deus no fim dos tempos, que exige vigilância por parte do povo. que as pessoas se recusem a transigir, a manter o seu testemunho fiel, para que esta batalha não acabe sendo como Cristo vindo como um ladrão.

Para que esta batalha não os pegue desprevenidos e os pegue desprevenidos; em vez disso, deveriam ser vigilantes e fiéis e acordar, e deveriam vestir-se para que não fossem encontrados nus e envergonhados no dia do julgamento. Portanto, o versículo 15 é uma inserção que nos lembra que o capítulo 16 tem uma função exortativa para fazer com que os leitores dos capítulos 2 e 3 mantenham a fidelidade, recusem-se a transigir, resistam ao compromisso com a Roma pagã e mantenham um testemunho fiel, não importa qual o custo.

Agora, a próxima seção de Apocalipse são os capítulos 17 e 18, a descrição detalhada de Babilônia e sua destruição, mas o que eu simplesmente quero observar ao encerrar o capítulo 16 é notar que já está preparado na sétima e última taça que traz para você até o último dia do julgamento. Observe a remoção da linguagem das ilhas, etc., mas observe Babilônia, a Grande. Deus lembrou-se de Babilônia, a Grande, e deu-lhe um cálice cheio do vinho da sua ira. Os capítulos 17 e 18 serão uma expansão adicional daquele selo, sinto muito, daquela tigela, daquela praga final de Deus lembrando Babilônia, a Grande.

Agora, os capítulos 17 e 18 desenvolverão isso com mais detalhes com uma descrição adicional de Babilônia, sua verdadeira natureza e uma descrição de seu julgamento final.

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 21, Apocalipse 14-16, Primícias dos Grãos, Julgamento das Uvas e os Julgamentos das Sete Taças.